

Uma viagem geocrítica pelos espaços de infância em António Lobo Antunes e José Saramago - o pendor autobiográfico

HELENA GLAVAŠ

(Zagreb)

A GEOCRITICAL JOURNEY THROUGH THE SPACES OF CHILDHOOD IN ANTÓNIO LOBO ANTUNES AND JOSÉ SARAMAGO – THE AUTOBIOGRAPHICAL ELEMENT

This study investigates the representation of childhood spaces in the works of two canonical Portuguese writers: António Lobo Antunes and José Saramago. Particular emphasis is placed on the autobiographical dimensions of these spaces within both authors' narratives, focusing on specific locations identified by concrete geographical coordinates. These places are deeply intertwined with personal and emotional memory, while simultaneously constructing an emotional and psychological landscape of childhood. Childhood spaces will be explored through the lens of geocriticism, with attention given to both the similarities and divergences in how this theme is treated by Lobo Antunes and Saramago.

KEYWORDS: space, childhood, geocriticism, affective memory, António Lobo Antunes, José Saramago

PALAVRAS-CHAVE: espaço, infância, geocrítica, memória afetiva, António Lobo Antunes, José Saramago

INTRODUÇÃO

Na literatura, o conceito de espaço transcende a mera função de cenário, transformando-se num tecido vivo, permeado por memórias, afetos e significado. A geocrítica, uma abordagem relativamente nova dentro dos estudos espaciais e literários, analisa a complexa relação entre a literatura e o espaço, investigando as formas como a literatura representa e interage com contextos geográficos, ou seja, paisagens, regiões e ambientes reais ou imaginários (TALLY JR., 2013). Na visão de Westphal (2011: 5): “arriscando uma simplificação excessiva, poderíamos propor duas abordagens básicas para os espaços visíveis, uma bastante abstrata, e outra mais concreta: a primeira englobaria o espaço conceptual e a segunda o lugar factual.” Isto quer dizer que o espaço é uma dimensão mais ampla e abstrata enquanto o lugar é um espaço carregado de significado, resultado da interação entre seres humanos e um espaço específico. Ele é construído social e culturalmente e incorpora memórias, emoções, identidades e relações sociais. A nosso ver, o espaço pode ser físico, imaginário, emocional ou psicológico, enquanto o lugar remete para os aspetos específicos, únicos e mais íntimos de uma localização. É mais concreto e pessoal, destacando as ligações individuais e emocionais que as personagens têm com um determinado cenário.¹ O espaço, ou seja, o lugar, e a memória estão intimamente relacionados, a ponto de se poder falar em “memória dos locais” (ASSMANN, 2011: 317), sendo o espaço um conceito mais geral e neutro, ao passo que o local é investido “de uma significação inespecífica e cheia de segredos” (ASSMANN, 2011: 319). Este conceito de memória espacial propõe uma análise da ligação íntima entre a experiência individual e os lugares que habitamos (ASSMANN, 2011: 319). O espaço físico, assim, funciona como um mapa da memória, onde cada local evoca emoções, lembranças e sensações, o que se observa na obra antuniana e saramaguiana estudada aqui. Tendo em conta a relação intrínseca entre os espaços,

¹ Levando em consideração esta distinção entre “espaço” e “lugar”, importa referir que, neste trabalho, o conceito de “espaço de infância” abarca tanto os lugares geográficos reais quanto os espaços emocionais e de memória que esses lugares evocam.

ou seja, os lugares, e a memória, a nossa análise estruturar-se-á em torno dos seguintes pontos: o aspeto topográfico do lugar, que compreende a paisagem e a descrição física espacial, mas igualmente o aspeto afetivo do espaço, que abrange as memórias infantis e a própria infância dos autores em questão. Para tal, a partir do corpus literário destes autores, debruçar-nos-emos sobre as seguintes obras: *Livro de crónicas* (1998), *Segundo livro de crónicas* (2002) e *Terceiro livro de crónicas* (2006), de António Lobo Antunes, bem como sobre o livro autobiográfico de José Saramago: *As Pequenas Memórias* (2006), obras onde o teor autobiográfico está bem visível.

Exploraremos, igualmente, a infância como um território construído por lugares específicos e memórias vividas. Este território, por sua vez, é moldado pela interação entre o espaço físico e a memória individual, o que nos permite analisar como a experiência da infância é transformada em literatura. António Lobo Antunes e José Saramago transportam-nos para os espaços da sua infância, locais geográficos reais, com coordenadas concretas, facultando a construção de um mapa topográfico do bairro de Benfica e das aldeias de Nelas e Azinhaga. À luz da geocrítica e da memória dos lugares, observaremos que os espaços de infância em Lobo Antunes e Saramago revelam três aspetos significativos: (I) Benfica, Nelas e Azinhaga funcionam como microcosmos da infância dos autores e da sociedade portuguesa; (II) a natureza desempenha um papel central e simbólico na configuração espacial; e (III) a infância é retratada como um território da memória afetiva e individual.

1. PERSPETIVA GEOCRÍTICA DO ESPAÇO DE INFÂNCIA E MEMÓRIA DOS LOCAIS

O estudo do espaço ganhou grande impulso nos últimos anos dentro dos estudos literários. Até então, o foco estava no estudo do conceito de tempo, mas, posteriormente, o conceito temporal passou a ser observado em conjunto com o conceito de espaço, falando-se então de espaço-temporalidade. Após a “viragem espacial” (*spatial turn*) na literatura, ou seja, a crescente mudança de foco para o estudo do espaço, a categoria do espaço despertou um interesse crescente entre

teóricos e académicos, não só na área da literatura, mas também em outras áreas interdisciplinares. Começaram a ser desenvolvidas diferentes abordagens e metodologias orientadas para o espaço, que muitas vezes se sobrepõem e se incluem mutuamente, ou seja, não podendo separar, rigidamente, uma abordagem da outra. Cada teórico que se dedica ao estudo do espaço, principalmente na literatura, propõe a sua própria "categorização". Nós optámos pela de Robert Tally Jr. (2013), que divide, de modo geral, as abordagens ao estudo do espaço em três categorias: "mapeamento literário, geografia literária e geocrítica" (TALLY JR., 2013: 3). A razão pela qual escolhemos precisamente esta classificação reside no facto de estas perspetivas não serem estritamente definidas, mas sim suscetíveis a mudanças, podendo uma implicar a outra, revelando o carácter global e mutante das relações espaciais. Do mesmo modo, tendo em conta que neste trabalho apresentamos uma análise geocrítica do espaço, consideramos importante o facto de Tally incluir na abordagem geocrítica a topoanálise de Gaston Bachelard, que está relacionada com a dimensão emocional e memorialística de lugares, e que está presente nas obras de Lobo Antunes e Saramago. Portanto, conforme explica Tally Jr. (2013: 113), a geocrítica (ou teoria crítica espacial) é uma abordagem interdisciplinar que examina a complexa interação entre a estética (a beleza e as qualidades artísticas do espaço) e a política (dinâmicas de poder e estruturas sociais relacionadas ao espaço) para compreender as relações espaciais no nosso mundo pós-moderno. A geocrítica recorre a métodos de várias áreas para obter uma compreensão abrangente do espaço, pois, não se limita a uma única disciplina, mas sim a um diálogo entre diferentes campos de conhecimento. Embora enraizada na geografia, a geocrítica é suficientemente flexível para analisar áreas não tradicionalmente consideradas geográficas, como a literatura ou as artes visuais. Por outras palavras, adapta-se a novos desenvolvimentos noutros campos, mantendo-se dinâmica e responsiva. A cartografia e a análise espacial são ferramentas centrais na estrutura geocrítica. Para corroborar a nossa explicação desta abordagem, expomos, na continuação, a perspetiva de Tally Jr. sobre a mesma:

Geocriticism or spatial critical theory, then, is broadly understood to include both aesthetics and politics, as elements in a constellation of interdisciplinary methods designed to gain

a comprehensive and nuanced understanding of the ever-changing spatial relations that determine our current, postmodern, world. These practices are not immune to the transformative forces that have so radically affected the natural and social sciences in recent years. Geocriticism situates mapping and spatial analysis firmly within the framework of those other fields of study, while remaining pliable enough to fit instances that are not properly situated in the domain of geographic inquiry traditionally conceived, such as literature itself (TALLY JR., 2013: 113-14).

Além disso, este teórico norte-americano inclui o enfoque geocêntrico de Westphal dentro da geocrítica. Segundo Westphal (2011), esta abordagem estuda os espaços reais e imaginativos dentro da literatura, e pode, assim, relacionar-se com a visão de Bachelard, quanto ao estudo psicológico dos espaços vividos. Na sua obra primordial, intitulada *A poética do espaço*, Bachelard (2000) investiga a experiência fenomenológica do espaço habitado, especialmente a casa. Ele não se interessa pela geografia objetiva, mas pela topologia íntima², isto é, a forma como o espaço é vivido e sentido pelo indivíduo. A casa, para Bachelard, não é apenas um lugar físico, mas um “instrumento da análise da alma humana” (BACHELARD, 2000: 23), ou seja, um lugar carregado de memórias, afetos e sonhos.

Estreitamente ligada ao espaço e à topoanálise, é a teoria da memória dos locais da investigadora alemã Aleida Assmann. Assmann enfatiza o papel dos lugares como repositórios de recordações, isto é, lugares que carregam significado e evocam lembranças. A casa da infância, ou “local de gerações”, como o denomina Assmann (2011: 320), é um lugar privilegiado nesse sentido. A casa passa a ser um armazém de memórias, sensações e afetos profundamente arraigados. A arquitetura, os objetos, os cheiros, as cores e os sons associados a essa casa podem evocar experiências emocionais intensas e influenciar a construção da identidade pessoal e

² Embora Bachelard não utilize exatamente essa expressão, a ideia de uma topologia subjetiva, pessoal e intransferível, é central na sua obra. Cada indivíduo possui a sua própria “topologia íntima” do espaço, uma relação única e profundamente pessoal com os lugares que o marcam.

até mesmo da memória familiar. Nesse sentido, os lugares geográficos reais da infância de Lobo Antunes e Saramago possibilitam traçar uma cartografia das suas recordações. As descrições topográficas e a toponímia presentes nas suas obras viabilizam uma precisa identificação dos sítios que serviram de cenário a essas memórias. Esses espaços, atuando como microcosmos da infância dos escritores, transformam-se em territórios da memória, acessíveis aos leitores por meio das lembranças narradas. Deste modo, a ligação entre memórias passadas e lugares específicos configura a infância como um território mental simbólico, que se revela fundamental na formação do imaginário literário desses autores.

2. PENDOR AUTOBIOGRÁFICO ANTUNIANO E SARAMAGUIANO

Os lugares de infância que se apresentam nas obras de Lobo Antunes e Saramago possuem um caráter autobiográfico. António Lobo Antunes nasceu no bairro lisboeta de Benfca, o lugar mítico da sua infância. Neste bairro periférico, “de gente pobre e humilde” (BLANCO, 2002: 31), António passou grande parte da sua infância feliz. Como conta o autor, viveu “numa casa muito grande com um jardim muito grande... E, lá fora, estavam os pobres. Lembro-me de que as minhas avós passeavam no bairro como castelãs” (BLANCO: 2002: 31). A sua infância, vista como um espaço-tempo, representa um “paraíso perdido” e um “tempo sacralizado” (SEIXO et al., 2008: 314), mas também “o território onde se gera essa cosmovisão (...) e essas primeiras impressões vitais que marcam a singular estética do escritor” (BLANCO, 2002: 23). Como um lugar prodigioso e crucial na vida do autor, Benfca é recuperada na sua obra romanesca e cronística. Em algumas das crónicas, a vertente autobiográfica é evidente, embora não se encontre desprovida de elementos ficcionais (SEIXO et al., 2008: 43). Tal como apontam Seixo et al. (2008: 44), “são fragmentos do passado, associados na grande maioria ao bairro de Benfca, mitificado pelo cruzamento da memória e da imaginação”. Por isso, é importante salientar que o autobiográfico flui frequentemente para o ficcional e vice-versa.

Por outro lado, “era uma vez um homem que nasceu numa azinhaga e se fez serralheiro, jornalista, escritor e cavalheiro” (JACOBETTY apud ARNAUT, 2008: 15). Trata-se, claro, de José Saramago, que nasceu em Azinhaga, uma aldeia pobre na Golegã, que serve como cenário principal para *As pequenas memórias*, a sua obra autobiográfica. O autor define-a como “as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente” (SARAMAGO, 2006: 32), o que fundamenta o carácter autobiográfico da obra. Ana Paula Arnaut, uma grande especialista na obra saramaguiana, mas também na antuniana, afirma que a narração do autor nessa publicação, se parece com “pequenas aguarelas soltas, dispersas, sobre uma infância re-visitada e re-encontrada” (ARNAUT, 2011: 46). Com efeito, Saramago, relembra a infância nessa “pobre e rústica aldeia, com a sua fronteira rumorosa de água e de verdes, com as suas casas baixas rodeadas pelo cinzento prateado dos olivais (...)” (SARAMAGO, 2006: 10). Referindo-se ao aspeto memorialístico do livro, Laitano aponta que ele promove “o encontro entre José Saramago (o adulto escritor) e Zezito (a criança melancólica), possibilitando que o primeiro se reconheça através das lembranças armazenadas pelo segundo, que são evocadas do passado e revividas no presente” (LAITANO, 2010: 365).

A partir destas duas pequenas introduções biográficas já se pode reparar nas diferenças relativamente aos lugares de infância revisitados pelos narradores das obras em questão. As diferenças na representação da infância pelos autores, resultantes das suas memórias afetivas e perspectivas topológicas individuais, serão examinadas a seguir.

3. LOBO ANTUNES: ENTRE A MÍTICA BENFICA E O SOSSEGO DE NELAS

3.1. Benfica

Nas suas crónicas, Lobo Antunes leva-nos numa jornada pela sua infância, dividida entre dois lugares distintos: o mítico bairro de Benfica, na periferia de Lisboa, e a pacata aldeia de Nelas, no centro de Portugal. Benfica apresenta-se como o *locus* de uma infância

feliz, recordada, com nostalgia, pelo narrador. Desde o ponto de vista de Seixo et al. (2008: 230): “este espaço lisboeta surge-nos na obra do escritor como um lugar matricial, ligado à infância e ao retorno regular à casa de família, muitas vezes facultando uma peregrinação mental, e em parte também material, ao passado.” Ainda que o bairro esteja ligado a momentos nostálgicos felizes da sua infância, recordados a partir da memória afetiva, o narrador lembra-se, também, das mudanças entretanto ocorridas, com a construção de edifícios, entrecruzando a imagem do passado com a do presente. O bairro de Benfica pode ser visto como um espaço transformado, mas também como um espaço de transição entre o urbano e o rural, tal como descreve o narrador: “Morávamos no norte da cidade onde a cidade acabava e quase logo a seguir à casa dos meus avós começavam campos, oliveiras, rebanhos” (ANTUNES, 1998: 426). Dado que este lugar representa uma fronteira entre a cidade e o campo, as plantas e os animais, formando um bestiário antuniano bem conhecido, são essenciais na construção do território mental e físico da infância. Expomos um excerto ilustrativo da crónica “Elogio do subúrbio” para exemplificar aquilo que acabamos de afirmar:

Cresci nos subúrbios de Lisboa, em Benfica, então quintinhas,
travessas, casas baixas, a ouvir as mães chamarem ao
crepúsculo

- Viiiiítor

num grito que, partido da Rua Ernesto da Silva, alcançava as
cegonhas no cume das árvores mais altas e afogava os pavões
no lago sob os álamos (...)

Hoje, se vou a Benfica não encontro Benfica. Os pavões
calaram-se, nenhuma cegonha na palmeira dos Correios
(já não existe a palmeira dos Correios, a quinta dos Lobo
Antunes foi vendida)

o senhor Silvino, o senhor Florindo e o senhor Jardim
morreram, ergueram prédios no lugar de casas (...)

Não há pavões nem cegonhas e contudo a acácia dos meus pais,
teimosa, resiste. Talvez que só a acácia resista, que só ela sobeje
desse tempo como o mastro, furando as ondas, de um navio
submerso. A acácia basta-me. (ANTUNES, 1998: 15-17)

O autor recorda uma Benfica rural, com quintinhas, casas baixas e um ambiente menos denso. Nota-se, igualmente, a profunda transformação do bairro, com a urbanização e a perda de elementos icónicos como os pavões, as cegonhas e a palmeira dos Correios. A partir deste trecho cronístico, a paisagem de Benfica mostra-se muito importante para o autor, revelando um aspeto afetivo do espaço em questão. O narrador evoca um ambiente bucólico, com animais e natureza presentes, mas o que realmente denota um vínculo emocional inabalável com a infância é a acácia, um símbolo da resistência, que ao mesmo tempo representa a tentativa de preservar a memória e de se conectar com um passado que já não está mais presente.

Além disso, o bairro apresenta-se como um lugar de pertença profunda, reconhecido através dos sentidos e da memória. A casa familiar, com o jardim, repleto de várias plantas: “e os cachos da buganvília continuam a florir sobre o muro” (ANTUNES, 2006: 32) e árvores (acácia, limoeiro, figueira), funciona como um microcosmo do espaço infantil, um elemento medular para a construção da memória e da identidade do narrador. O jardim, afirma Seixo (2010: 153), “não é apenas a reunião esteticamente cuidada de plantas e de flores (...), encara-se ainda e sobretudo como um reduto de respiração e hipótese de beatitude, nas crónicas e nos romances.” Levando em consideração a importância do jardim, como também a teoria de Assmann (2011) sobre a memória dos locais, entendemos que a casa familiar e o jardim são poderosos repositórios de memórias, uma vez que os objetos, as plantas, as árvores, todos eles carregam consigo lembranças e emoções, que são revividas com nostalgia pelo autor, sendo que a descrição detalhada destes elementos evoca a força das sensações e emoções da infância. O autor descreve este núcleo da maneira seguinte: “a casa pertence-me e eu pertenceo a ela. Reconheço os cheiros, os efeitos do sol, cada tábuca do soalho, os degraus das escadas. E ao dizer que reconheço os cheiros sei o que afirmo: o da cera, o do líquido de arear as maçanetas, o da acácia, o da outra árvore, mais avantajada, mais secreta, sem nome” (ANTUNES, 2006: 33), concluindo que “a lembrança que guardo desta casa é uma lembrança feliz” (ANTUNES, 2006: 32). Neste contexto é pertinente considerar a casa de infância como um epicentro da infância do autor e do seu

espaço infantil, relacionado com a fenomenologia espacial bachelardiana. De acordo com Gaston Bachelard (2000) e a sua teoria sobre a topoanálise, que é “o estudo psicológico sistemático dos lugares da nossa vida íntima” (BACHELARD, 2000: 31), a casa de infância é um espaço afetivo, definido não por coordenadas geométricas, mas pela relação íntima e pessoal que o sujeito estabelece com os seus diferentes lugares. Cada canto, cada objeto leva uma carga afetiva única, construindo uma cartografia interior da memória e do afeto. O teórico francês (2000) enfatiza a importância da espacialidade subjetiva que se sobrepõe à espacialidade física. Isso significa que a memória afetiva recria a casa, transformando-a numa espécie de santuário interior, ou de “beatitude” (SEIXO, 2010: 153). Os detalhes mínimos, no caso de Lobo Antunes, – o cheiro da cera, o som de árvores, a textura de escadas – são elementos essenciais na construção dessa memória.

Através da geocrítica, podemos compreender que a infância de Lobo Antunes em Benfica é marcada pela transformação do espaço, pela nostalgia e pela busca pela memória. As sensações, os cheiros, os detalhes da casa e os elementos da natureza fundem-se com a identidade do autor, construindo uma paisagem pessoal singular, que transcende a realidade física e se torna num território mental. Apesar das mudanças, o autor busca um ponto de conexão com esse lugar, reconhecendo o seu impacto profundo tanto na sua vida como na sua obra.

3.2. Nelas

Outro lugar significativo no imaginário antuniano é a freguesia de Nelas, situada na Beira Alta. Trata-se de um local “intensamente ancorado na identidade de Lobo Antunes” (SEIXO et al., 2008: 54), que lhe traz à memória “um caudal de imagens que julgava soterradas e que configuram um acervo de recordações que se confrontam com o presente” (SEIXO et al., 2008: 54). A vila de Nelas pode ser observada das duas perspetivas: a partir de felizes e nostálgicas recordações e das lembranças infantis, às quais está ligada a figura do avô materno, e, igualmente, a partir da perspetiva presente do autor, caracterizada pelo desejo de regressar a esse lugar com “a serra nítida

de uma ponta a outra do horizonte e eu a escrever isto na varanda dos meus avós, numa varanda que não me pertence” (ANTUNES, 2006: 45).

Por um lado, o autor mostra-nos a paisagem do lugar, cheia de melancolia e nostalgia, uma paisagem carregada de símbolos, como o castanheiro e a Serra da Estrela: “algures nas minhas veias a Serra da Estrela principia a aumentar” (ANTUNES, 2002: 84). Tal como em Benfica a acácia representa um forte símbolo da infância de Lobo Antunes, em Nelas, a serra e o castanheiro desempenham um papel preponderante na memória afetiva do autor e na sua vida:

O que lembro de Nelas é o comboio lá em baixo a avançar ao sol entre as folhas da vinha, (...), os olhos do meu avô pendurados do castanheiro pelo ouriço das pestanas, o que lembro de Nelas é a minha mãe muito nova, o que lembro de Nelas são veredas de amoras, o que lembro de Nelas são partidas e chegadas (...) ao visitar a casa anos depois tudo era tão pequeno que me cabia na palma, que me cabia num ínfimo suspiro de saudade (ANTUNES, 1998: 108-109)

O narrador evoca imagens da sua infância em Nelas, criando uma atmosfera de serenidade e de sossego, onde o som dos castanheiros, muitas vezes, é visto como um elemento recorrente na paisagem sonora deste lugar.

Por outro lado, Nelas apresenta-se como um espaço transformado e diferente do que era. A colisão entre duas perceções, o passado e o presente da vila, provoca uma desconfortável sensação de ambivalência em relação a Nelas: é um lugar que, pelo viés da memória afetiva, ainda se mostra familiar, mas ao mesmo tempo, não deixa de ser um espaço de estranhamento devido às mudanças que sofreu: “O problema consiste no facto de com os anos terem mudado quase tudo: tantos prédios novos, tantas ruas, tanta gente estranha. Reconheço algumas casas, poucas (...). Até a feira mudou (...)” (ANTUNES, 2006: 43). Embora a fisionomia do lugar tenha mudado, incluindo a paisagem, dentro da qual destaca “o nosso castanheiro cortado” (ANTUNES, 2006: 43), o que resiste é a serra e o cheiro: “O cheiro, no entanto, mantém-se, reconheceria este arzinho não importa onde. E a serra igual” (ANTUNES, 2006: 43).

Deste modo, o autor reconhece as mudanças em Nelas, mas o “cheiro” e a “serra” permanecem intactos, destacando-se a importância dos sentidos na memória e de como o cheiro pode evocar lembranças intensas.

Além disso, Lobo Antunes revela uma profunda ligação da sua infância com a paisagem da Serra da Estrela: “Voltei anteontem da Serra da Estrela, ou seja de a poucos quilómetros da Serra da Estrela onde fui encher os olhos com a minha infância que segue naquelas árvores, naquelas pedras, no pinhal que já não existe e no entanto para mim permanece” (ANTUNES, 2006: 274). Aqui, a paisagem ocupa um lugar de proeminência na representação espacial. As árvores e as pedras são elementos perenes, que resistem à passagem do tempo, ao contrário da memória humana, que é sempre parcial e reconstruída. Mesmo assim, a infância, para o narrador, não é um momento perdido no passado, mas sim algo que persiste na paisagem, ainda que transformada. O pinhal, neste caso, elemento central da memória infantil, desapareceu fisicamente. No entanto, ele subsiste na memória do narrador, numa espécie de “preservação” subjetiva. Podemos constatar que se nota ao mesmo tempo uma fragilidade e uma persistência da memória, numa relação íntima entre a recordação individual e a paisagem, coexistindo com a impossibilidade de um regresso completo ao passado. A Serra da Estrela, mais do que um lugar físico, representa um espaço de memórias, que podem ser evocadas, mas nunca plenamente recuperadas. Por isso, o narrador tenta reconciliar a experiência física do retorno com a permanência da memória, uma experiência melancólica e profundamente nostálgica. Esse lugar mágico infantil fica enraizado na identidade do autor, que mostra um desejo irresistível de regressar: “Há ocasiões em que me pergunto por que motivo, cada vez com mais frequência, regresso à Beira Alta, e a única resposta é que me sinto um cão que deixou por aqui, não sei bem onde, um osso enterrado” (ANTUNES, 2006: 43). E prossegue: “Serão os pombos e as hortênsias o meu osso enterrado na Beira?” (ANTUNES, 2006: 45). Destas citações esclarecedoras podemos depreender que o lugar de Nelas se apresenta, também, como um lugar “topofílico”, ou seja, relacionado com “as imagens do espaço feliz” (BACHELARD, 2000: 22), que contribui significativamente para a formação da identidade do narrador.

Um filtro melancólico e lírico tinge a complexa e ambivalente relação de Lobo Antunes com o seu espaço de infância. Em particular, há uma nostalgia evidente, mas também uma sensação de perda e de estranhamento. A natureza, particularmente os castanheiros e a Serra da Estrela, assumem um papel central nas suas lembranças, funcionando como símbolos da sua identidade e da sua conexão profunda com essa região. O autor constrói uma paisagem pessoal, onde a natureza, a família e os eventos do passado se entrelaçam, criando um lugar singular que o afeta de maneira profunda. Podemos pensar que Nelas é um espaço que o persegue, tanto nas lembranças como nas suas reflexões sobre o passado.

4. UMA INFÂNCIA HUMILDE NA AZINHAGA RURAL

O espaço de infância em Saramago, no seu livro autobiográfico – *As pequenas memórias*, reporta-se a uma aldeia pobre no centro de Portugal, chamada Azinhaga: “À aldeia chamam-lhe Azinhaga (...) A menos de um quilómetro das últimas casas, para o sul, o Almonda, que é esse o nome do rio da minha aldeia, encontra-se com o Tejo” (SARAMAGO, 2006: 9). Como se pode reparar nessa citação, diferindo de Lobo Antunes, Saramago propicia informações concretas quanto à posição topográfica do lugar, bem como à sua etimologia: “Dizem os entendidos que a aldeia nasceu e cresceu ao longo de uma vereda, de uma azinhaga, termo que vem de uma palavra árabe, *as-zinaik*, ‘rua estreita’” (SARAMAGO, 2006: 11). Isto pode ser explicado pelo facto de se tratar de uma autobiografia, enquanto em Lobo Antunes, como já destacámos anteriormente, o autobiográfico se mistura com o ficcional. Saramago, assim, apresenta a sua aldeia natal e descreve a sua localização geográfica, próxima do rio Almonda, que se junta ao Tejo, revelando o cenário físico, que serve como ponto de partida para a evocação da memória. A aldeia é marcada pela pobreza e pela tradição e torna-se um território de aprendizagem, de observação da natureza, de trabalho árduo e de simplicidade da vida rural.

Tal como em Lobo Antunes, a importância da paisagem é, também, bem saliente em Saramago, pois, a descrição da paisagem é crucial para compreender a infância do autor e a sua ligação à terra. A paisagem, com os seus campos, os seus cheiros e os seus sons, transforma-se num elemento essencial na construção da identidade do autor: “Durante toda a infância, e também os primeiros anos da adolescência, essa pobre e rústica aldeia, com a sua fronteira rumorosa de água e de verdes, com as suas casas baixas rodeadas pelo cinzento prateado dos olivais, umas vezes requeimada pelos ardores do verão, outras vezes transida pelas geadas (...), foi o berço onde se completou a minha gestão” (SARAMAGO, 2006: 10-11). O autor retrata a sua aldeia como um lugar simples, com beleza rústica, e como um espaço relevante para a sua formação, evocando uma imagem vívida de Azinhaga, com detalhes sensoriais como a água, as cores e as temperaturas. Através desta descrição, Saramago revela o valor do seu berço geográfico, mesmo que daí tenha partido cedo, tal como diz: “foi daqui, quando ainda não tinha dois anos, que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa” (SARAMAGO, 2006: 10).

No que diz respeito ao aspeto topográfico do espaço de infância saramaguiano, a natureza representa uma parte fulcral no imaginário infantil do narrador, pois a relação com a terra natal, com a paisagem e com o trabalho manual molda a visão de mundo e a escrita de Saramago. O narrador descreve os elementos que compunham a paisagem da sua infância: o rio, os olivais, o trigo e a mata: “ou o rio, (...), ou os olivais e os duros restolhos do trigo já ceifado, ou a densa mata de tramagueiras, faias, freixos e choupos que ladeia o Tejo (...), as quatro partes em que o universo se dividia” (SARAMAGO, 2006: 16). Revela esta frase o mundo da criança, limitado ao seu entorno imediato. Para a criança, para o pequeno Zezito, a paisagem é o universo, e as suas partes definem o seu mundo. Além disso, como continua Saramago, “a paisagem é um estado de alma, (...) a impressão causada pela contemplação de uma paisagem sempre estará dependente das variações temperamentais e do humor jovial ou atribuloso que estiveram atuando dentro de nós no preciso momento em que a tivermos diante dos olhos.” (SARAMAGO, 2006: 17). A partir desta citação ilustrativa, compreendemos que a paisagem não é apenas um conjunto de elementos físicos, mas sim uma projeção das

emoções e do humor interno do indivíduo. Por outras palavras, a mesma paisagem pode ser vista de formas completamente diferentes por duas pessoas, dependendo das suas experiências, memórias e estados emocionais.

A propósito da temática afetiva do espaço, mas também social, o autor alude à casa dos seus avós maternos, “a pobríssima morada dos meus avós maternos, Josefa e Jerónimo se chamavam” (SARAMAGO, 2006: 15), que era simples e humilde, apresentando, assim, a realidade económica da sua família, marcada pela pobreza. Um trecho do livro evidencia as escassas posses da família do Zezito:

À casa dos meus avós, como já contei, chamava-lhe Casalinho, e o nome do sítio era Divisões, talvez porque o olival ralo e esparso que havia em frente (campo de futebol depois e nos últimos anos jardim) pertencesse a diferentes donos: como se em vez de árvores se tratasse de gado, as oliveiras estavam marcadas no tronco com as iniciais dos nomes dos seus respetivos proprietários. A construção era do mais tosco que então se fazia, térrea, de um único piso, mas levantada do chão cerca de um metro por causa das cheias, sem nenhuma janela na fronteira cega, nada mais que uma porta em que se abria o tradicional postigo.” (SARAMAGO, 2006: 80)

As lembranças da casa dos avós trazem à tona a sua história familiar e as suas raízes. Recorda uma vida rural, com alimentos que se produziam na região: “Meto um bocado de pão de milho e um punhado de azeitonas e figos secos no alforge” (SARAMAGO, 2006: 80), ou, por exemplo, lembra a falta de recursos que marcava a sua infância: “(tive pouquíssimos brinquedos, e, mesmo esses, em geral de lata, comprados na rua, aos vendedores ambulantes)” (SARAMAGO, 2006: 38). Mesmo que o narrador não tivesse brinquedos como outras crianças, ou lhe faltassem bens, aquilo que abundava na sua infância era o amor e afeto, gerados na casa dos seus avós. A casa era vista, tal como na obra antuniana, como um microcosmo cheio de magia, que se revela na citação seguinte: “o lar supremo, o mais íntimo e profundo, (...), esse mágico casulo onde sei que se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente” (SARAMAGO,

2006: 15). Sob o prisma da topoanálise de Bachelard (2000), importa referir que a casa da infância saramaguiana transcende a sua função física e assume um significado simbólico profundo, representando um espaço crucial na formação da identidade do Zezito e na construção da memória. Ela não é simplesmente um edifício, mas um microcosmo do mundo da criança, carregado de afetos, memórias e experiências formativas. A nosso ver, a casa da infância contribui para a formação da cartografia mental do indivíduo, ou seja, a representação mental do espaço que orienta a sua perceção e movimentação no mundo.

Levando em consideração a representação do espaço infantil em António Lobo Antunes e José Saramago, observámos que a memória e a perceção do espaço são subjetivas, moldadas pelas emoções, pelos sentidos e pelas lembranças pessoais. Tanto Azinhaga, de Saramago, quanto Nelas e Benfica, de Lobo Antunes, são caracterizados por uma natureza rica e significativa, onde a serra, os olivais, os castanheiros, o rio e a acácia são elementos que evocam uma ligação profunda à terra e à vida e servem como elementos-chave na construção da paisagem pessoal de cada autor. As experiências de infância de ambos os autores, apesar de diferentes, revelam uma mesma busca pela memória, pela identidade e pelo significado do espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do espaço de infância antuniano e saramaguiano demonstra que ambos os escritores utilizam a memória como matéria-prima fundamental para a sua escrita, sendo a paisagem, a natureza, como simbolismo, e os lugares infantis elementos cruciais na construção da sua identidade e das suas narrativas. Partindo do marco teórico da geocrítica e tendo em conta a relação inseparável entre espaço e memória, neste caso individual e afetiva, pudemos perceber que os espaços de infância são lugares geográficos reais ligados a essas memórias. Contudo, não se trata apenas de um local geográfico, mas de um espaço psicológico e emocional profundamente arraigado na experiência dos autores e projetado nas suas escritas.

Estes espaços infantis de Lobo Antunes e Saramago, analisados sob a ótica da geocrítica, revelam a importância do lugar físico na

formação da identidade, na construção da memória e na elaboração da obra literária. Esses territórios, marcados pela experiência individual e pelas coordenadas geográficas, transformam-se em componentes-chave para a compreensão da obra de ambos os autores. A geocrítica, assim, oferece uma nova perspetiva para a compreensão da relação entre o espaço, a memória e a literatura, permitindo-nos desvendar a profunda ligação entre o indivíduo e o lugar. Esperamos que esta análise possa contribuir para uma melhor compreensão da importância do espaço de infância na obra destes dois autores canónicos.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, António Lobo (1998): *Livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- ANTUNES, António Lobo (2002): *Segundo livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- ANTUNES, António Lobo (2006): *Terceiro livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- ARNAUT, Ana Paula (2011): “Deixa-te levar pela criança que foste”: José Saramago e As pequenas memórias, in: *Navegações 4* (1), Porto Alegre, 46-52.
- ARNAUT, Ana Paula (2008): *José Saramago*. Coimbra: Almedina.
- ASSMANN, Aleida (2011): *Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp.
- BACHELARD, Gaston (2000). *Poetika prostora*. Zagreb: Ceres.
- BLANCO, María Luisa (2002). *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote.
- LAITANO, Paloma Esteves (2010): O momento mágico da infância em *As pequenas memórias*, de José Saramago, in: *Letrônica 3* (1), Porto Alegre, 365-381.
- SARAMAGO, José (2006): *As pequenas memórias*. Lisboa: Dom Quixote.
- SEIXO, Maria Alzira (2010): *As Flores do Inferno e Jardins Suspensos. Estudo dos romances e das crónicas de António Lobo Antunes, seguido dos outros ensaios antunianos com um Esboço Biográfico do Autor elaborado por António Bettencourt*. Lisboa: Dom Quixote.

- SEIXO, Maria Alzira et al. (2008): *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Volume 1. Lisboa: Casa da Moeda.
- TALLY, Robert T. Jr. (2013): *Spatiality*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- WESTPHAL, Bertrand (2011): *Geocriticism. Real and Fictional Spaces*. Londres e Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

Helena Glavaš**Departamento de Língua e Literatura Portuguesa****Universidade de Zagreb****Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

Ivana Lučića 3

10000 Zagreb

hglavas@m.ffzg.hr; helena.glavas417@gmail.com